

BATALHAS BIBLIOMÉTRICAS

Retomamos aqui outro aspecto da temática que já nos ocupou no Editorial do número anterior. Recorrente entre editores, assim como entre pesquisadores em geral, a temática sugere refletir sobre incorporação e resistências aos índices e critérios de acreditação, assim como seus desdobramentos sobre a produção do conhecimento.

Uma das questões que nos chama a atenção é o fato de que a execução de ações políticas, em geral, depende, em larga medida, de algum nível de colaboração dos agentes aos quais afetará mais diretamente. Nesse sentido, é notável como as atuais políticas científicas gozam de ampla cooperação da comunidade científica. A rápida adesão aos critérios de medição e acreditação, cada vez mais extensivos a um número cada vez maior de esferas do trabalho acadêmico, faz parecer natural mecanismos que são em tudo arbitrários, quando não desprovidos de racionalidade. A suposição de que existem relações entre índices bibliométricos e a qualidade dos periódicos, dos artigos publicados ou mesmo dos pesquisadores, por exemplo, é um desses aspectos carentes de maiores fundamentos.

Silêncio e omissão são outras formas de adesão involuntária ou irrefletida aos princípios que têm orientado essas políticas, com amplas consequências sobre toda estruturação do trabalho acadêmico. É como disse criticamente o biólogo Fernando Reinach (2013), em artigo no jornal Estado de São Paulo: “Se a regra exige aumentar o número de trabalhos publicados, vou praticar “Salami Science”. É necessário ser muito citado? Sem problema, minhas fatias de salame vão citar umas às outras e vou pedir a amigos que me citem. Em troca, garanto que vou citá-los. As revistas precisam de muitas citações? Basta pedir aos autores que citem artigos da própria revista. E, aos poucos, o objetivo da ciência deixa de ser entender a natureza e passa a ser publicar e ser citado. “Se o trabalho é medíocre ou genial, pouco importa” (REINARCH, 2013).

Obviamente, nem tudo é passividade nesse universo. Além de manifestações públicas como essa de Reinach, há também iniciativas coletivas mais organizadas. Um deles é o chamado “movimento da ciência lenta”, o qual já mencionamos em editorial anterior (DIAS; SILVA, 2011). Outro bom exemplo é a “Declaração do Colégio do

México” (2010), interessante manifesto liderado por um grupo de editores latino-americanos de periódicos das Ciências Humanas, da História, mais especificamente. Embora o documento tenha encontrado repercussão relativamente pequena no Brasil, a pauta anunciada ali nos parece oportuna e pertinente. Basicamente, o manifesto critica a adoção de critérios de validação próprios a outras disciplinas, a marginalização do espanhol e do português como línguas de comunicação científica entre comunidades lusófonas ou hispânicas e a “hegemonia mais ou menos fictícia das revistas anglófonas” (DECLARACIÓN, 2010, p. 3-4), nos termos do documento, promovida pelos critérios de hierarquização de periódicos de agências de financiamento de pesquisa.

Acertadamente, o manifesto identifica algumas consequências negativas disso tudo, entre as quais, o desencorajamento de interações mais efetivas entre pesquisadores latino-americanos. Dessa maneira, abdica-se, em última instância, do ideal de criação de um bloco regional capaz de articular uma alternativa à hegemonia anglo-saxã na ciência. Em conformidade ao velho receituário imperialista, ao invés do enfrentamento, submissão e vassalagem.

Mas talvez a principal lição de iniciativas como essa diga respeito a disseminação da ideia de que outras formas de organização da política científica são possíveis. Políticas científicas, afinal, são antes de tudo políticas. Nesse sentido, e essa é a segunda lição do Colégio do México, ações desse setor exigem envolvimento dos principais atores da prática científica, isto é, os cientistas, o que inclui editores de periódicos, atores quiçá privilegiados dessas comunidades.

Cleber Dias
Ana Márcia Silva

Em tempo: Cabe informar, ainda, o afastamento do professor Cleber Dias (UFMG) da editoria da revista. Gostaríamos de agradecer e registrar sua importante contribuição no período de 2011 a 2013, compartilhando com competência e zelo a editoria geral da *Pensar a Prática*.

Referências

DECLARACIÓN de El Colegio de México. **Estudios de Historia Moderna e Contemporánea de México**, México, n. 40, p. 3-9, jul./dic., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-26202010000200001>. Acesso em 12 dez. 2013.

DIAS, C.; SILVA, A. M. Ciência Lenta e Ética na Pesquisa. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-2, set./dez., 2011.

REINACH, F. Darwin e a Prática da “Salami Science”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 abr. 2013. Disponível em <<http://www.estado.com.br/noticias/impresso,darwin-e-a-pratica-da-salami-science-,1026037,0.htm>>. Acesso em 13 dez. 2013.